
A POLÍTICA E O ESPAÇO AGRÁRIO NA OBRA DE MANUEL CORREIA DE ANDRADE: QUESTÃO SOCIAL, DISPUTAS TERRITORIAIS E O NORDESTE ESPAÇO SAGRADO

Politics and rural space in the Manuel Correia de Andrade work: social issues, territorial disputes and the northeast

Flamarion Dutra Alves¹

Recebido em: novembro de 2017
Aceito e publicado em: dezembro de 2017

Resumo

A trajetória da geografia agrária no Brasil tem destacado alguns geógrafos ao longo do século XX e início do XXI, ao abordarem assuntos importantes sobre a produção do espaço agrário. Nesse artigo, pesquisou-se os pressupostos teórico-metodológicos na obra de Manuel Correia de Andrade, acerca da geografia agrária, disputas territoriais, questão social e o Nordeste. Para tal análise, foram consultadas 20 obras do autor, entre 1963 a 2004, possibilitando interpretar a evolução do pensamento do autor no decorrer dos diferentes momentos políticos vigentes e das correntes geográficas.

Palavras-Chave: Questão social; espaço agrário; Nordeste.

Abstract

The trajectory of rural geography in Brazil has highlighted some geographers throughout the twentieth century and early twenty-first, by addressing important issues on the production of rural space. In this article, researched to the theoretical and methodological assumptions in the work of Manuel Correia de Andrade, about the rural geography, territorial disputes, social issues and the Northeast. To Splice analysis, we were consulted 20 works of the author, from 1963 to 2004, making it possible to interpret the evolution of the author 's thinking over the different existing political moments and geographical currents.

Key-words: *Social Issues, rural space, Northeast*

INTRODUÇÃO

A geografia agrária no Brasil tem tratado de diversos assuntos ao longo de sua trajetória, desde temas ligados a manutenção e reprodução dos agricultores familiares/camponeses, consequências do agronegócio até os conflitos e lutas sociais no campo. Por esse motivo, é um

ramo da ciência geográfica que merece profunda atenção no que tange a organização e produção do espaço.

Muitos geógrafos contribuíram para o debate teórico-metodológico da geografia agrária no Brasil, como Pierre Monbeig, Leo Waibel, Orlando Valverde, José Alexandre Felizola Diniz, Arioaldo Umbelino de Oliveira entre outros, fortalecendo as teorias e o desenvolvimento de pesquisas na área. Nessa questão epistemológica, Moreira (2010) discute se existe uma Geografia Brasileira ou uma Geografia no Brasil, pois há inúmeras influências externas e formas heterogêneas no desenvolvimento da formação da geografia, principalmente, a concentração do “pensamento” no eixo Centro-Sul do Brasil.

Nesse sentido, o artigo pretende expor algumas contribuições do geógrafo pernambucano Manuel Correia de Andrade (1922 – 2007) para a geografia agrária e ao debate epistemológico da geografia, além de analisar os aspectos do pensamento de Andrade nas questões sociais e disputas territoriais, bem como identificar o papel da obra de Andrade, na expressão dos problemas sociais na região nordeste brasileira.

Breve biografia

Nascido no dia 03 de agosto de 1922 em Pernambuco, falecido em 22 de junho de 2007, Manuel Correia de Andrade (Figura 1) foi um geógrafo que pesquisou muitas temáticas no campo da geografia humana. Retratou a importância da política na construção da sociedade, estudou as diferenças regionais sob a ótica econômica, mas destinou sua maior parte da vida acadêmica as questões rurais, em especial a reforma agrária e a sociedade nordestina.

Figura 1 – Foto de Manuel Correia de Andrade.



Fonte: Alves (2010, p.215)

Sua formação inicial é em Direito (1945) e posteriormente Geografia e História em 1947. Publicou mais de 100 livros, mais de 250 artigos em revistas e anais de eventos científicos, além de várias conferências e palestras, ministrou cursos na Universidades de Sukuba (Japão) e Universidade de Buenos Aires, além de ser professor na Universidade Federal de Pernambuco e ser professor visitante na USP e UFSC. Foi membro da Academia Pernambucana de Letras e Doutor Honoris Causa na UFRN. Entre 1964-1965 fez pós-graduação na França sob orientação de Pierre Monbeig. Entre os principais livros há obras clássicas como “A terra e homem no Nordeste” (1963), “Geografia econômica” (1973), “Agricultura & Capitalismo” (1979), “Latifúndio e reforma agrária no Brasil” (1980), “Geografia: Ciência da Sociedade” (1987) e “Caminhos e descaminhos da geografia” (1989).

Sua importância é notória no Brasil e no mundo, devido a inúmeras publicações e conferências. Em 2009, a revista Scripta Nova, do Centro de Geocrítica da Universidade de Barcelona, lança um número extraordinário em homenagem a Manuel Correia de Andrade, intitulado “Cidadania e reforma agrária no Brasil: a herança de Manoel Correia de Andrade”². Saquet (2010) faz um resgate das categorias região, espaço e território dos principais elementos na obra de Corrêa. Em outro artigo que faz um esboço da trajetória de Andrade, é o artigo de Carvalho (2014) no qual enfatiza suas pesquisas a respeito da economia nordestina, tendo como obra chave “A Terra e o Homem no Nordeste”.

Ainda nessa retrospectiva de pesquisas que referendam a obra de Manuel Correia de Andrade, Medeiros (2009, 2010) afirma o papel importante do autor na questão agrária brasileira. Por ultrapassar mais de cinquenta anos na vida acadêmica, fica difícil tentar classificar Andrade em alguma corrente da geografia, pois sempre teve uma posição crítica quanto as desigualdades socioeconômicas no Brasil. Sua formação em história, acresce nos textos uma abordagem histórico-crítica nos processos sócio-espaciais, ou seja, não há como classificar Andrade nas correntes clássicas da geografia. Todavia, sua obra é expressiva e rica em detalhes e temas, servindo de referência não só para a geografia como para outras ciências humanas e sociais.

Metodologia

Estudar a respeito de um autor é sempre tarefa difícil, pois sintetizar uma vida científica em poucas páginas, corre-se o risco de esquecer pontos importantes de sua trajetória. No caso de Manuel Correia de Andrade, onde se tem mais de 250 publicações, faremos uma breve passagem acerca da geografia agrária na sua obra, analisando 20 obras divididas nas cinco décadas, de 1963 a 2004 (Quadro 1).

Quadro 1 – Obras consultadas sobre o pensamento geográfico de Manuel Correia de Andrade.

| Ano | Título | Tipo de publicação |
|------|---|--|
| 1963 | A terra e o homem no Nordeste | Livro |
| 1963 | Considerações geo-econômicas sobre a cultura do fumo no Brasil | Boletim Geográfico |
| 1967 | Condições naturais e sistema de exploração da terra no Estado de Pernambuco | Boletim Paulista de Geografia |
| 1968 | Latifúndio, cana de açúcar e côco no norte de Alagoas | Boletim Paulista de Geografia |
| 1968 | Paisagens e problemas do Brasil | Livro |
| 1974 | Cidade e campo no Brasil | Livro |
| 1976 | Comércio internacional e distribuição espacial da produção de açúcar no Brasil | Boletim Paulista de Geografia |
| 1977 | O pensamento geográfico e a realidade brasileira | Boletim Paulista de Geografia |
| 1978 | O processo de modernização agrícola e a proletarização do trabalhador. | Geografia (Rio Claro) |
| 1980 | 1930: atualidade da revolução | Livro |
| 1980 | Latifúndio e reforma agrária no Brasil | Livro |
| 1981 | Geografia econômica | Livro |
| 1988 | Nordeste: alternativas da agricultura | Livro |
| 1989 | Lutas camponesas no Nordeste | Livro |
| 1991 | Abolição e reforma agrária | Livro |
| 1991 | O povo e o poder | Livro |
| 1994 | Modernização e pobreza: a expansão da agroindústria canavieira e seu impacto ecológico e social | Livro |
| 1995 | Geografia rural: questões teórico-metodológicas e técnicas | Anais – Encontro Nacional de Geografia Agrária |
| 1995 | O Nordeste de ontem e hoje: continuidade e rupturas | Capítulo de livro |
| 1996 | O Brasil e a África | Livro |
| 2002 | Espaço Agrário brasileiro: velhas formas, novas funções, novas formas, velhas funções | Geosp |
| 2004 | A questão do território no Brasil | Livro |

Organização: o autor

As obras selecionadas representam uma parte importante do legado do Manuel e versam sobre o espaço agrário, política e economia, e traduzem os elementos de conflito, disputas de poder e questão regional no Nordeste. A intenção de utilizar obras em diferentes momentos se dá pelos contextos político-econômicos vividos no Brasil, além de identificar a concepção do espaço agrário pelo autor.

Para tala análise, seguiremos os pressupostos de Alves (2010) ao trabalhar o desenvolvimento epistemológico da geografia agrária e dos geógrafos que contribuíram para esse processo (ALVES e FERREIRA, 2011; ALVES, 2016). Serão compiladas passagens das obras que representem o pensamento do autor e dos temas selecionados, a análise de conteúdo e discurso são fundamentais para o entendimento da concepção e ideologia do autor.

DESENVOLVIMENTO

A geografia agrária na obra de Manuel Correia de Andrade será analisada em dois tópicos. *Abordagem teórico-metodológica* que representa as bases que fundamentam o modo de fazer ciência e

interpretar o espaço do autor e *Nordeste, questão social e as disputas territoriais* onde marca a centralidade da obra do autor, suas principais pesquisas e contribuições para a geografia agrária.

A abordagem teórico-metodológica

Manuel percorreu mais de cinquenta anos engajado em pesquisas que tratassem do espaço nordestino, a formação e ocupação do território brasileiro e a organização do espaço agrário. Por esse motivo, vale identificar quais os pressupostos teórico-metodológico utilizados pelo autor ao longo dessas décadas, ou seja, quais as principais influências ideológicas, métodos e técnicas adotadas e por fim, quais as abordagens e o modo de ver o espaço agrário.

Conforme apontam Felipe (1995), Peluso Júnior et al (1991) e Marino (2014) a base metodológica de Andrade é composta pelo enfoque regional, concepção histórico-crítica e calcada numa visão dialética do espaço. Mesmo nas suas pesquisas na década de 1960, período marcado pelas descrições e monografias regionais, Andrade segue essa tendência, utiliza conceitos dessa corrente, como o habitat, mas sempre engajado com as causas sociais. O trabalho de Andrade (1963b) é típico da corrente clássica da geografia agrária apresentando um panorama sobre a produção do fumo no Brasil, descreve os principais estados fumicultores e a região de Arapiraca (Pernambuco) onde analisa as condições do meio físico com a organização da paisagem rural, salientando o tipo de habitat nessa região “A extensão das propriedades é refletida no habitat que é disperso apresentando tendência à concentração nas sedes das propriedades” (ANDRADE, 1963b, p.183).

Essa preocupação em explicar as contradições no campo, decorrentes da formação do território brasileiro e suas consequências sociais está intimamente ligada as influências de vários pensadores, como Caio Prado Júnior, Nelson Werneck Sodré, Josué de Castro e Gilberto Freire. A questão regional é fruto do momento da sua formação, baseada na geografia francesa *lablacheana*, e principalmente de sua pós-graduação com Pierre Monbeig na França. As leituras de Élisée Reclus auxiliaram no radicalismo metodológico, ou seja, não há como “classificar” o pensamento de Andrade em uma ou outra corrente, pois o mesmo considera impossível ser ortodoxo com um tipo de método, devido as constantes transformações da sociedade.

Ao comentar sobre os métodos e abordagens, Andrade (1977) discorre sobre a abordagem sistêmica, apontando alguns elementos positivos e negativos dessa perspectiva de pesquisa:

A visão sistêmica, a aplicação da Teoria Geral dos Sistemas à geografia, apresenta alguns aspectos positivos ao lado de outros negativos. Primeiramente, não há uma certa uniformidade nesta teoria; em segundo lugar, ela tem uma base organicista, tendendo a confundir o sistema social com um organismo, e

em terceiro lugar ela procura fazer um diagnóstico do existente e estabelecer a meta do desejado, procurando estabelecer o caminho para atingir esta meta. [...] A teoria dos sistemas leva um raciocínio dentro de uma lógica formal, que encara os fatos como estáticos e não como um resultado de um processo que está permanentemente em evolução, em transformação. (ANDRADE, 1977, p.15).

Manuel Correia de Andrade (1967) correlaciona as atividades agrícolas desenvolvidas em Pernambuco com os elementos naturais e fundiários. Além das condições naturais agirem diretamente na dinâmica da agricultura, dando ênfase ao clima e solo, a estrutura fundiária é vista pelo autor como um fator que determina nas relações socioeconômicas da região:

Se os grandes e médios proprietários preocupam-se, sobretudo, com a pecuária e as culturas de café e de algodão, desenvolve-se ao lado destas uma série de outras culturas feitas por pequenos proprietários e por agricultores sem terras. O acesso destes a terra é feito segundo várias modalidades de relações, que visam da parte do proprietário não só a obtenção de uma renda sem sua participação direta na exploração da terra, como, sobretudo, na procura da obtenção de alimentação suplementar para o gado nos meses mais secos do ano, justamente naqueles em que o gado mais se ressentia da falta de alimentos. (ANDRADE, 1967, p.75).

Em outra análise regional, Andrade (1968) descreve as condições da produção de côco e cana-de-açúcar no norte de Alagoas, relacionando com a estrutura agrária vigente na região, ou seja, como se comporta a população e os agricultores frente ao latifúndio.

Na mesma abordagem histórico-crítica, associada à descrição Manuel Correia Andrade (1976) salienta a comércio internacional e a distribuição espacial da produção de açúcar no Brasil. O autor enfatiza a questão da localização dos cultivos da cana-de-açúcar e sua evolução histórica discutindo suas consequências “O crescimento da população paulista primeiro tirou ao Nordeste o mercado do Sul e do Sudeste e agora concorre com o mesmo no mercado internacional” (ANDRADE, 1976, p.29).

Manuel Correia de Andrade (1978) desenvolve uma análise acerca da modernização agrícola e as condições de produção e trabalho aos agricultores. A questão social está sempre presente nas pesquisas sobre o espaço agrário, diferente dos autores mais clássicos da geografia francesa, que enfatizam as relações da natureza, Andrade vai além dessa dicotomia:

Esta análise pretende desenvolver uma linha de pensamento teórico que caracterize os modos de produção em áreas que estiveram sujeitas ao sistema colonial, e que continuam ligadas a uma economia primário-exportadora. Visa também analisar as condições de vida, ou a qualidade de vida do trabalhador rural face à sucessão dos modos de produção dominante. (ANDRADE, 1978, p.31).

A categoria 'tempo' sempre foi uma aliada nos estudos geográficos, e neste início de século XXI é peça-chave para o entendimento do espaço agrário atual. Nesse sentido, Manuel Correia Andrade (2002) perpassa sobre o processo histórico de formação do espaço agrário brasileiro, enfatizando o trabalhador rural, as desigualdades sociais e a reforma agrária:

[...] o problema premente do Brasil é o da realização da reforma agrária, visando tanto diversificar a produção e comprometê-la com o mercado interno como garantir a fixação do homem ao campo, atenuando o êxodo rural. Uma reforma agrária deve estar voltada tanto para a democratização do acesso à terra, por parte do trabalhador rural, como o da orientação do que produzir, de como produzir e do destino e deve ser dada à produção. Ela deve atingir tanto as formas como as funções da produção. (ANDRADE, 2002, p.18).

A questão social esteve no centro de suas análises, seu discurso sempre esteve ligado a uma geografia crítica e não necessariamente marxista. Suas obras trazem um mosaico de contribuições que vão desde Lenin, Kautsky e Chayanov. Andrade não era preso a concepções teóricas ortodoxas, seu principal objetivo era entender e explicar a questão agrária brasileira.

Para terminar esse tema, Andrade entende que a diversidade e o pluralismo metodológico são os caminhos mais sensatos para se fazer uma geografia rural, dotada de várias perspectivas, sem dogmas ou pensamentos únicos:

Mais uma vez admitimos que é difícil se elaborar uma metodologia que sirva para as pesquisas de Geografia Rural para as áreas mais diversas e para ser aplicado por pesquisadores com posições técnicas científicas e formações filosóficas as mais diversas. Admitimos que a Geografia brasileira chegou ao estágio das opções as mais diversas, de domínio de um pluralismo que longe de homogeneizar, heterogeniza as soluções, trazendo um enriquecimento à produção científica. Passaram as fases do tradicionalismo ambientalista, da geografia teórica, da geografia crítica marxista, da geografia da percepção, como fases "imperialistas" que hostilizavam umas às outras, para entrarmos em uma fase de maturidade em que os geógrafos se posicionem de acordo com sua formação filosófica e dialogam com aqueles de quem divergem (ANDRADE, 2010, p.16).

Nesse texto publicado no XII Encontro Nacional de Geografia Agrária, no ano de 1995 em Rio Claro- SP e depois relançado em 2010 na Revista Campo-Território, Andrade faz uma reflexão sobre as questões teórico-metodológicas e técnicas da Geografia Rural

As preocupações sociais, integradas à problemática da estrutura agrária e das relações de trabalho no meio rural, contribuíram para caracterizar uma geografia agrária que se distinguiria do que se chamaria de geografia agrícola ou da agricultura, onde a preocupação maior se ligava aos

problemas de produção, de mercado, de produtividade e de rentabilidade (ANDRADE, 2010, p.10).

E deixa claro, a questão dialética no seu pensamento e as dificuldades na análise do espaço agrário sob essa ótica das contradições, sobretudo, após as transformações que o capital impõe nas relações e processos:

Não é fácil elaborar um esquema de teorização e de metodologia único para a Geografia Rural ou para qualquer outro tema, sobretudo no momento de grandes transformações em que se vive; mais ainda por parte de um estudioso que norteou sempre o seu pensamento através de uma linha dialética, não linear e esquematizada, ao contrário do que fazem em geral os positivistas. (ANDRADE, 2010, p.14)

Nesse momento da vida intelectual, Andrade entende que posições ortodoxas e o monismo metodológico, não satisfazem a complexidade existente no espaço agrário, que está cada vez mais integrado com a cidade. Nesse sentido, podemos delimitar a abordagem teórico-metodológica em Andrade com viés histórico-crítico e dialético, de base regional e focada nas questões sociais.

O espaço agrário nordestino, questão social e as disputas territoriais

Por sua formação em História e Geografia, Andrade não dissocia os princípios históricos da formação do espaço. Por esse motivo, ao estudar durante décadas a região Nordeste, o autor sempre ressalta a gênese do território nordestino, ou seja, explicar a formação do espaço desde a criação das capitanias hereditárias e sesmarias que deram origem ao grande contraste fundiário no Brasil.

O autor analisa o sistema escravista e a situação da agricultura brasileira, passando pela modernização da agricultura e a expansão do modo de produção capitalista no campo:

O sistema fundiário, herança das sesmarias do período colonial, e a disponibilidade de terras por ocupar, vêm contribuindo, como já salientamos, para que o crescimento da produção agrícola se faça pela agregação de novas terras, sem que haja um crescimento vertical da produção. (ANDRADE, 1978, p.39).

Muitas obras de Andrade fazem essa correlação do escravismo e suas consequências sociais no século XX. Essa desigualdade socioterritorial herdada desde o século XVI, deu origem a vários movimentos sociais no século XX, como as ligas camponesas.

No livro *Lutas Camponesas no Nordeste* (1989), Andrade faz uma análise histórico-crítica da formação do latifúndio, origens do campesinato e o papel do Estado nesse contexto.

Assim, faz uma abordagem da gênese e das contradições no campo nordestino, não de forma linear, mas argumentando os vários agentes que interferiram nesse processo.

A base das lutas e conflitos do campo, são oriundos do sistema escravocrata, quando “A abolição da escravatura ampliou a massa formada pelos pobres do campo, uma vez que, nas terras apropriadas e povoadas do Nordeste, os ex-escravos, por não disporem de áreas para onde se transferir, tornaram-se moradores de engenho e fazendas” (ANDRADE, 1989, p.16).

Esse cenário de desigualdades socioeconômicas, foi motivo para as disputas de poder e controle das terras, ainda afirma “uma sociedade rural em que um pequeno grupo detinha o controle da terra e explorava a grande maioria da população, exercendo sobre a mesma um forte controle, não poderia ser uma sociedade calma, pacífica e tranquila” (1989, p.18).

Manuel não se ateve apenas aos conflitos entre camponeses e latifundiários, deixou claro em suas obras a importância do Estado na produção e reprodução do poder sobre a terra. Na década de 1960, manifestou-se contrário as ações praticadas pós golpe de 1964 durante a ditadura militar:

O golpe de 1964 representou uma ruptura violenta na trajetória política e social do Brasil. O país, que vinha sendo governado por populistas, que desenvolviam uma política comprometida com o sistema capitalista e com a penetração de capitais estrangeiros, ao mesmo tempo tolerando e conciliando com os interesses populares, fazendo certas concessões aos desejos e às reivindicações das massas trabalhadoras, passou a ser governado por um sistema autoritário e repressivo. (ANDRADE, 1989, p.42).

Esse regime autoritário, promulgou o Estatuto da Terra em 1964 que dificultou, ainda mais, o acesso à terra aos camponeses que não tinham a posse das terras:

As medidas que poderiam beneficiar os agricultores não os atingiram, e o governo destruiu no nascedouro os canais de viabilização das aspirações populares. Desenvolveu-se uma forte repressão contra os líderes dos trabalhadores rurais, extinguíram-se as ligas camponesas, aprisionando-se os seus dirigentes, e promoveu-se a intervenção na maioria dos sindicatos rurais e na Contag (ANDRADE, 1989, p.45).

A questão do poder é a peça fundamental para dominação e produção do território, mesmo realizando pesquisas que tratassem das características naturais, Andrade explica o espaço agrário pela formação sócio-política, pois entende que a sociedade é transformada por interesses econômicos e isso afeta diretamente a população.

Em outra obra, Manuel desfaz o mito do atraso da região nordestina ligada a seca e os aspectos naturais:

O Nordeste não é inviável, ele dispõe de recursos naturais suficientes para manter uma população do nível da atual, se estes recursos forem racionalmente explorados e se houver uma maior participação dos trabalhadores na renda produzida pelo seu trabalho. Os governos necessitam ter uma visão social para corrigirem as distorções que se aceleram e aumentam nos períodos da seca. Os recursos públicos necessitam ser empregados em benefício do grosso da população e não de acordo com os interesses dos grandes grupos econômicos. Para isto é necessário para se desenvolva uma política popular (ANDRADE, 1988, p.68).

Muito comum na geografia clássica, o determinismo ambiental foi um discurso de manutenção do poder e atraso de algumas regiões por governos. A tentativa de naturalizar o problema social-político, nunca foi concebida por Manuel, o autor reforça que as disputas territoriais são conflitos de poder entre classes sociais, e por esse motivo devem ser entendidas historicamente.

E destaca as condições dos trabalhadores rurais, no latifúndio presente no espaço agrário nordestino:

Os trabalhadores rurais viviam em um nível de exploração lastimável, com baixos salários, insuficientes para a manutenção da família e que ainda eram rebaixados quando havia uma queda no preço do açúcar e da cana. A manutenção dos mesmos era complementada com os que produziam e criavam nos “sítios” em torno de suas casas, onde plantavam mandioca, feijão, milho [...] (ANDRADE, 1988, p.27)

Esses problemas não eram exclusivos da região Nordeste, e em sua obra *Modernização e Pobreza* (1994) faz uma análise da ocupação e expansão da atividade canavieira e seus impactos ambientais e sociais em várias regiões do Brasil. Para isso, remete a questões regionais, diferenciando a atividade nos estados brasileiros. Nesse caso, preocupou-se em explicar as diferenças de usos e técnicas e suas consequências na organização do território, bem como procurou explicitar os processos que marcam cada região:

A perda de importância da cana no Recôncavo teve como causa, também, a descoberta e exploração do petróleo, que atingiu as áreas produtoras e atraiu a mão-de-obra com salários melhores e com a possibilidade de qualificação profissional. Era difícil a uma indústria tradicional e dependente de um mercado incerto concorrer com os padrões de trabalho e produção da indústria petrolífera, implantada dentro do que havia de mais moderno. (ANDRADE, 1994, p.97).

Fazendo um paralelo com outras regiões, Andrade (1994) destaca a região do Paraná e São Paulo, como principais centros produtores e modernos na atividade canavieira. Esses espaços são compostos por usinas altamente tecnológicas e tem uma atenção dos poderes públicos na sua

manutenção, pois são grandes geradores de receita e atraem investimentos externos. No entanto, a questão agrária, em especial a situação do trabalhador, está longe das condições ideais:

A área mais dinâmica, porém, situa-se na região de Ribeirão Preto, onde vêm sendo feitas as maiores inovações tecnológicas e se organizam os mais modernos complexos agroindustriais do país. Essas modificações permitem uma queda no custo da produção e abrem perspectivas para uma diversificação dos produtos que podem ser obtidos da cana-de-açúcar, mas não se refletem nas situações de trabalho, não melhorando, assim, as condições de vida dos trabalhadores rurais. (ANDRADE, 1994, p. 64).

Dessa forma, as obras de Andrade permeiam temas importantes para a geografia agrária brasileira, e tocou em assuntos como a desigualdade no Nordeste, pelo viés histórico-crítico-dialético, desnaturalizando um problema político. As disputas territoriais e as consequências sociais desse processo são grandes contribuições na obra de Manuel Correia de Andrade para as ciências sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A contribuição da obra de Manuel Correia de Andrade para a geografia agrária é muito rica e necessita de várias pesquisas para extrair mais elementos para o debate epistemológico. Andrade esteve à frente do seu tempo, e suas obras publicadas reforçam a ideia de uma geografia plural e crítica, independente de qual corrente do pensamento geográfico estivesse predominando, o fundamental sempre foi compreender o aspecto político-social do espaço agrário ou urbano (Figura 2).

A figura 2 representa uma síntese das características do pensamento geográfico de Andrade, esse esquema associa os fundamentos teórico-metodológicos aos temas estudados pelo autor ao longo de sua trajetória acadêmica. Vale destacar, o compromisso com as causas sociais em boa parte das obras de Andrade, e o entendimento de que a geografia, como uma ciência social, deve se ater com esse princípio e desvendar os problemas no território brasileiro.

A geografia agrária ganhou muito com as pesquisas desenvolvidas por Andrade, no sentido de romper com a naturalização dos fenômenos sociais, e ressaltar a importância das pequenas unidades produtivas para o desenvolvimento e equidade social no campo. A luta pela reforma agrária sempre foi vista por Andrade, como uma solução para o fim das desigualdades sociais no campo, e assim, enquanto não existir uma reforma radical na estrutura fundiária no campo, a obra de Andrade será leitura obrigatória para os geógrafos que estudam o espaço agrário.

Figura 2 – Síntese do pensamento geográfico de Manuel Correia de Andrade
SÍNTESE DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO DE MANUEL CORREIA DE ANDRADE



Fonte: O autor.

REFERÊNCIAS

ALVES, Flamarion Dutra Alves. História da geografia agrária brasileira: Nilo Bernardes. p.69-91. **Ra'e Ga - O Espaço Geográfico em Análise**. Curitiba, v.36, 2016.

ALVES, Flamarion Dutra. **Trajetória teórico-metodológica da geografia agrária brasileira: A produção em periódicos científicos de 1939 – 2009**. Tese de Doutorado (Geografia – Organização do Espaço). Rio Claro: Universidade Estadual Paulista, 2010.

ALVES, Flamarion Dutra; FERREIRA, Enéas Rente. História da geografia agrária brasileira: Pierre Monbeig e Leo Waibel. p.87-102. **Mercator**. Fortaleza, v.10, n.22, 2011.

ANDRADE, Manuel Correia de. **1930: atualidade da revolução**. São Paulo: Moderna, 1980a.

ANDRADE, Manuel Correia de. **A questão do território no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

ANDRADE, Manuel Correia de. **A terra e o homem no Nordeste**. São Paulo: Brasiliense, 1963a.

ANDRADE, Manuel Correia de. **Abolição e reforma agrária**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1991a.

ANDRADE, Manuel Correia de. **Cidade e campo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1974.

ANDRADE, Manuel Correia de. Comércio internacional e distribuição espacial da produção de açúcar no Brasil. p.15-30. **Boletim Paulista de Geografia**. São Paulo, v.51, jun. 1976.

ANDRADE, Manuel Correia de. Condições naturais e sistema de exploração da terra no Estado de Pernambuco. p.63-84. **Boletim Paulista de Geografia**. São Paulo, v.44, out. 1967.

ANDRADE, Manuel Correia de. Considerações geo-econômicas sobre a cultura do fumo no Brasil. p.181-184. **Boletim Geográfico**. Rio de Janeiro, v.21, n.173, 1963b.

ANDRADE, Manuel Correia de. Espaço Agrário brasileiro: velhas formas, novas funções, novas formas, velhas funções. p.11-19. **Geosp**. São Paulo, n.12, 2002.

ANDRADE, Manuel Correia de. **Geografia econômica**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 1981.

ANDRADE, Manuel Correia de. Geografia rural: questões teórico-metodológicas e técnicas. **Campo-Território**. Uberlândia. v. 5, n. 9, p. 5-16, 2010.

ANDRADE, Manuel Correia de. **Latifúndio e reforma agrária no Brasil**. São Paulo: Duas Cidades, 1980b.

ANDRADE, Manuel Correia de. Latifúndio, cana de açúcar e côco no norte de Alagoas. p.16-58. **Boletim Paulista de Geografia**. São Paulo, v.45, jun. 1968a.

ANDRADE, Manuel Correia de. **Lutas camponesas no Nordeste**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1989.

ANDRADE, Manuel Correia de. **Modernização e pobreza: a expansão da agroindústria canavieira e seu impacto ecológico e social**. São Paulo: Editora da UNESP, 1994.

ANDRADE, Manuel Correia de. **Nordeste: alternativas da agricultura**. Campinas: Papirus, 1988.

ANDRADE, Manuel Correia de. **O Brasil e a África**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 1996.

ANDRADE, Manuel Correia de. O Nordeste de ontem e hoje: continuidade e rupturas. In: FELIPE, José Lacerda (Org.) **Manuel Correia de Andrade: o geógrafo e o cidadão**. Natal: CCHLA-UFRN, 1995. p.16-25.

ANDRADE, Manuel Correia de. O pensamento geográfico e a realidade brasileira. p.05-28. **Boletim Paulista de Geografia**. São Paulo, v.54, jun. 1977.

ANDRADE, Manuel Correia de. **O povo e o poder**. Belo Horizonte: Oficina de livros, 1991b.

ANDRADE, Manuel Correia de. O processo de modernização agrícola e a proletarização do trabalhador. p.31-41. **Geografia**. Rio Claro, v.3, n.5, 1978.

ANDRADE, Manuel Correia de. **Paisagens e problemas do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1968b.

CARVALHO, Cicero P. de O. Manuel Correia de Andrade e a economia política do nordeste. **Rev. Econ. NE**, Fortaleza, v. 45, n. 2, p. 6-16, abril/jun., 2014.

FELIPE, José Lacerda (Org.) **Manuel Correia de Andrade: o geógrafo e o cidadão**. Natal: CCHLA-UFRN, 1995.

MARINO, Leonardo Freire. Manuel Correia de Andrade: um geógrafo voltado para as causas sociais. In: MACHADO, Mônica Sampaio; MARTIN, André Roberto (Orgs.) **Dicionário dos geógrafos brasileiros**. Vol. 1. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014. p.101-117.

MEDEIROS, Rosa M.V. Manoel Correia de Andrade e a questão agrária brasileira. **Scripta Nova**. Vol. XIII, núm. 288, 15 de abril de 2009

MEDEIROS, Rosa M.V. Manuel Correia de Andrade e a questão agrária brasileira. **Economia política do desenvolvimento**. Maceió, vol. 3, Edição Especial, p. 191-203, ago. 2010.

MOREIRA, Ruy. **O pensamento geográfico brasileiro: as matrizes brasileiras**. Vol.3. São Paulo: Contexto, 2010.

PELUSO JÚNIOR, Victor Antonio et.al. Entrevista com o professor Manuel Correia de Andrade. **Geosul**. Florianópolis, n.12-13, p.131-169, 1991 -1992.

SAQUET, Marcos Aurélio. Contribuições para o entendimento da obra de Manuel Correia de Andrade: geografia, região, espaço e território. **Geouerj**. Rio de Janeiro, n.21, v.2, 2010.

¹ Professor Adjunto IV – Grupo de Estudos Regionais e Socioespaciais GERES - Universidade Federal de Alfenas-MG. Professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia – Universidade Federal de São João del-Rei dutrasm@yahoo.com.br

² Edição da Revista Scripta Nova disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-288.htm>.